

## NOBEL DA PAZ

# A portuguesa que trabalha na organização 'onde todos se conhecem'

Entre viagens ao redor do globo, Cristina Rodrigues, oficial da Secção de Protecção e Assistência da OPAQ, revela os bastidores do funcionamento desta organização

João Ruela Ribeiro

**A**o telefone de Haia, Cristina Rodrigues, de 51 anos, começa logo por avisar que o dia tem sido atarefado, porque na Organização para a Proibição das Armas Químicas (OPAQ) “o trabalho continua”, como começou por dizer ao PÚBLICO. Amanhã já segue para a Jamaica, onde vai dar formação em assistência e protecção contra as armas químicas, ramo no qual trabalha há seis anos. “O que eu faço na maior parte do tempo é treinar os diversos países para responder a um incidente com armas químicas.”

Cristina Rodrigues é uma entre os três portugueses que trabalham na OPAQ, organização premiada ontem com o Nobel da Paz. Existe ainda um inspector de arsenais químicos e um técnico de informática.

Depois da licenciatura em Química pela Universidade Nova de Lisboa, Cristina trabalhou no Departamento de Tecnologias e Indústrias Químicas do Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação (INETI). “A partir daí foi um pulo para aqui.” “Aqui” é o número 32 da Johan de Wittlaan, em Haia, Holanda, a sede da OPAQ.

A OPAQ tem quatro pilares de actuação. O mais conhecido é o da destruição de arsenais químicos e fábricas, do qual é exemplo a operação na Síria. Os restantes são as verificações de não-proliferação das armas químicas, a cooperação internacional para o desenvolvimento e uso pacífico da química e, finalmente, a assistência e protecção contra o armamento químico, onde trabalha a portuguesa.

## Formação e treino

As funções de Cristina Rodrigues obrigam-na a viajar um pouco por todo o mundo. A sua área “dá apoio



Cristina Rodrigues (colete laranja) durante um exercício da OPAQ

**A OPAQ “trabalha longe das luzes da ribalta, do brilho e da publicidade, mas tem feito um bom trabalho na destruição dos arsenais de armas químicas que existem no mundo”**



a pequenos países, que não têm armas químicas, mas sim uma pequena indústria química”. São países com poucas estruturas para dar resposta a um potencial desastre químico, apesar de que, “quando há uma grande emergência, ninguém está realmente preparado”, alerta a especialista.

No momento em que aterra num país, a equipa da OPAQ entra em contacto com as autoridades locais responsáveis pela proibição das armas químicas (em Portugal, a Autoridade Nacional para a Proibição de Armas Químicas, adstrita ao Ministério dos Negócios Estrangeiros). No caso português, é esta agência que escolhe os participantes nos treinos dados pela OPAQ. “Treinamos instrutores, dos bombeiros, da polícia, da emergência médica, para que depois possam vir a treinar o seu próprio pessoal”, esclarece. Estas acções duram geralmente uma semana, podendo ser estendidas, entre treinos mais básicos e *workshops* até aos grandes simulacros. Os grupos que recebem as instruções de Cristina Rodrigues têm cerca de 20 pessoas. “Somos pequeninos, temos poucos recur-

sos, não podemos treinar 100 ou 200 pessoas”, explica.

Trabalhar em países tão diferentes requer uma sensibilidade especial, pedindo quase uma perspectiva antropológica. “Todos os países têm as suas características e requerem que nos adaptemos. A partir daí, tudo fica mais fácil”, diz. A receita é simples: “Gosto muito daquilo que faço e portanto vou [para os países] sempre com uma atitude muito positiva.” E garante que nunca veio das viagens “com um amargo de boca”. “O que trago é sempre algo de positivo.”

## Prémio é reconhecimento

A alegria que a atribuição do Nobel da Paz despertou é impossível de esconder: “É o reconhecimento merecido do trabalho dos últimos 16 anos.” Na sua opinião, a OPAQ “trabalha longe das luzes da ribalta, do brilho e da publicidade, mas tem feito um bom trabalho na destruição dos arsenais de armas químicas que existem no mundo”. “É bom que tenhamos recebido este incentivo para nos apercebermos de que a comunidade internacional acredita em nós e de que estão do nosso lado.”

É impossível não abordar a Síria, e Cristina Rodrigues admite que o prémio é também um incentivo para uma acção “que vai ser difícil”. “O tempo para cumprir a missão é curto, [mas] tenho a certeza de que vamos conseguir.”

A OPAQ, criada em 1997, tem um *staff* relativamente pequeno, mas a sua responsabilidade tem o tamanho do mundo. “Somos 500 pessoas, toda a gente se conhece”, explica Cristina Rodrigues. O orgulho deixa espaço para a modéstia e, acima de tudo, para um grande sentido de dever: “Mesmo pequeninos, temos cumprido o nosso papel.” E conclui: “Vai ser muito bom se este prémio nos der alguma visibilidade”.

## O QUE ELES DIZEM

**“Um premiado que o merece”**

Amnistia Internacional

**“Este prémio Nobel da Paz vai dar um novo incentivo ao desarmamento no mundo”**

Guido Westerwelle

Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha

**“Nobel da Paz vem consagrar tudo o que foi feito para denunciar a utilização de armas químicas e para as eliminar num futuro próximo”**

François Hollande

Presidente da França

**“Esta recompensa chega quase 100 anos depois do primeiro ataque químico e 50 dias depois de um uso indigno destas armas na Síria. A ONU está honrada em trabalhar ao lado da OPAQ”**

Ban Ki-moon

Secretário-geral da ONU

**“A OPAQ realizou um trabalho extraordinário num tempo recorde”**

John Kerry

Secretário de Estado norte-americano

